

Virgindade e reclusão: submissão ou resistência

Rejane Barreto Jardim*

Resumo:

Esta comunicação resulta de um trabalho de investigação sobre as mulheres na Castela do século XIII. Nessa pesquisa o objetivo foi verificar se as mulheres eram parte constitutiva de uma rede de diferentes tipos de poderes que compunham aquela sociedade.

Essa rede de poderes permitiu a construção de um ideal de feminino, no qual as mulheres assumem determinados papéis.

Assim, quero discutir a idéia de que virgindade e reclusão podem ser interpretadas, ao mesmo tempo, como submissão e como resistência, procurando observar em que medida ocorre a intervenção das próprias mulheres na elaboração das imagens do feminino daí decorrentes.

Palavras-chave: Gênero, religiosidade e poder

Abstract:

This communication is the result of a study about women of Castela of the XIII century. The main objective of this study was to find out whether women were part of a chain of different types of power that constituted that society.

This power chain was responsible for an ideal of feminine, in which they take up certain roles. Therefore, the first idea I want to discuss is that both virginity and reclusion can be interpreted either as submission or resistance at the same time, trying to show to what extent women themselves interfere in the construction of the image of woman resulting from this.

Keywords: Gender, religiosity and power.

Se for verdade que a mulher medieval, independente de sua condição social, foi objeto de uma violência endêmica, é possível que muitas dentre elas tivessem idealizado uma existência o mais distante possível dessa situação, evadindo-se do mundo dos homens e dedicando-se ao exercício de práticas religiosas. Ora, reclusão e virgindade podem ter sido os mecanismos de autodefesa elaborados pelas jovens e senhoras daquela civilização.

Na Idade Média as mulheres que optaram por uma vida de reclusão e virgindade possivelmente estavam construindo uma outra possibilidade de existência social. Fugindo do padrão dominante, elaboravam uma alternativa de vida, um espaço simbólico exclusivamente feminino, “una ginecosociedad simbólica y quimérica” (RIVERA GARRETAS, 2003: 28).

*Doutora em História, professora da Universidade de Caxias do Sul.

Na da Península Ibérica é oportuno ter em conta que a ativa fronteira com o Islã pode ter marcado ainda mais a necessidade de defesa das integridades física e moral das mulheres cristãs, que poderiam ter suas opções religiosas bastante influenciadas pelo quadro geral da luta contra os muçulmanos.

Como sabemos, a necessidade de defesa da cristandade ibérica uniu irmandades religiosas locais com os ideais religiosos e militares das ordens religiosas de além Pirineus. Isso provocou o aparecimento na segunda metade do século XII de ordens militares peninsulares.

Nesse contexto de luta contra a presença moura em terras ibéricas, a opção por uma vida de reclusão pode ter sido realmente uma alternativa viável e segura para algumas mulheres da Península Ibérica medieval.

Várias são as *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, que, de forma direta ou indireta, abordam o tema do desejo de evasão, uma delas é a *Cantiga* 105. Se observarmos bem, a protagonista dessa *Cantiga* manifesta desde menina o desejo de evadir-se do mundo que a aguardava: “E desto fezo a Santa Reynna gran miragre que vos quero contar, u apareceu a hua **menya** en un orto u fora trebellar, em cas de seu padr’en hua cortynna que avia ena vila d’Ar-raz”¹ (CSM 105)². O conteúdo desse e de outros poemas da mesma coletânea pode ser cruzado com o relato da *Vida de Santa Oria*, de Gonzalo de Berceo.

Nessa obra, Berceo nos dá a conhecer a história de vida de Oria, uma santa pouco conhecida fora da região de Rioja, na Espanha medieval, cuja existência está intimamente relacionada com o monastério de San Millan de Suso, local onde está sepultada. Conta-nos Berceo que Oria começou sua vida de religiosa reclusa aos nove anos de idade.

Essa menina, segundo a narrativa do poeta, manifesta desde muito pequena o desejo de viver, não só em estado de virgindade, mas também em reclusão, “emparedada”. A jovem donzela teve uma vida breve, viveu por volta dos 27 anos, seguramente não mais que os 28.

Chama a atenção àquilo que Lévi-Strauss denominou de elementos invariantes. Isto é, em várias narrativas desse período é possível observar que as mulheres que optam por uma vida de virgindade e reclusão manifestam, segundo as narrativas, essa vontade desde a infância. Esses elementos podem nos sinalizar que de alguma forma, as jovens providenciavam desde a infância a possibilidade de viver uma outra vida, aquela que elas mesmas pudessem escolher.

¹Grifo meu.

²Trata-se das *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X.

Esse elemento invariante também poder ser observado na *Cantiga 188* (CSM, 188, II: 221-222), que me permitirei transcrever quase integralmente justamente para permitir a observação desses elementos que se repetem, vejamos:

*Esta é dua³ donzela que amava a Santa Maria de todo
seu coração; e quando morreu, feze a seu padre abrir
porque pôya a mão no coração, e echaron-lle fegurada
a omage de Santa Maria.
Coração d'om' ou moller que a Virgen muit'amar,
maca-lo encobrir queiran, ela o faz pois mostrar.
[...] Esto por hua donzela mostrou a Sennor de prez,
que mui de coração senpre a amou des menynnez⁴*

Esta *Cantiga* pode ser reveladora de um desejo, ainda que precoce, de se entregar à vida religiosa. Esse sentimento pode ser parte de um movimento em busca de uma possibilidade de vida fora do casamento que como sabemos, na maior parte das vezes, poderia significar uma existência marcada por grandes percalços, chegando muitas vezes ao extremo da violência doméstica, tal como a narrativa da *Cantiga 105* nos apresenta.

Enfim, o casamento pelo pouco atrativo que se apresentava parece ter sido o destino que algumas buscaram, sem dúvida alguma, subverter. A vontade de fugir ao matrimônio, possivelmente levou muitas jovens a forjar uma religiosidade muitas vezes extremada. Para Paulette L'Hermitte-Leclercq, a reclusão voluntária, na Idade Média, foi algo tipicamente feminino: “Au bas moyen age, tous lês pays de l'occident chrétien (France, Anglatere, Germanie, Italie, Espagne [...] ont connu um mode de vie religiueux rigoureusement solitaire et héroiïque: la réclusion vonluntaire”.⁵

³Nesse vocábulo o *u* teria o sinal de til, mas por limitações técnicas, do teclado do computador utilizado, não foi possível obedecer à grafia original.

⁴Paráfrase: Esta sobre uma donzela que tinha grande amor por Santa Maria, e, quando morreu, por acreditarem que havia sido envenenada abriram seu corpo e encontraram em seu coração a imagem de sua Majestade. Coração de homem ou de mulher que ame muito a Virgem, ainda que queiram encobri-lo, Ela o faz aparecer. Disto apareceu um milagre, que vos direi, do qual fiz bom som e estrofes, e se o ouvires bem, por certo que haveis de confiar mais na Virgem. Isto mostrou a Senhora apreço por uma donzela que muito de coração, desde menina, a amava e lhe servia de bom grado; por ela, tal amor lhe fez que o bem que a queria não quis por nada negar. Esta donzela amou tanto a Santa Maria que, ainda que estivesse nesse mundo, por Ela o desprezou tanto que, pelo jejum que fazia, adoeceu, e passou um mês inteiro sem comer nada do que lhe davam para comer e beber. E, ainda que não falasse – segundo o que aprendi – se lhe falavam de Santa Maria – como ouvi – se levava em seguida a mão ao coração. A mãe acreditava que estava gravemente doente e que por colocar a mão sobre coração, acreditava estar doente naquele ponto. E quis Deus, que sem mais, sua bendita Madre a foi buscar e levá-la consigo. O pai e a mãe, quando a viram morrer, acreditaram que havia sido por causa de um veneno, e fizeram que a abrissem, e encontraram dentro do coração, sem mentir, a imagem da Gloriosa, tal qual ela se lhe figurava. E disto Santa Maria deram, por isso grande louvor e toda a gente que ao redor estava, dizendo: – “Bendita sejas, Madre de Nosso Senhor, que tua grande lealdade não tem e nem terá igual”. Coração de homem ou de mulher que ame muito a Virgem, ainda que queiram encobri-lo, Ela o faz aparecer.

⁵L'HERMITE-LECLERCQUE, Paulette. La réclusion volontaire au moyen age: une institution religieuse spécialement féminine. In: *La condición de la mujer en la Edad Media*, 5-7, 1984, Madrid, p. 135-154. **Actas del Coloquio celebrado en la Casa de Velázquez**. Madrid: Casa de Velázquez. Universidad Complutense, 1986. Tradução: Na baixa Idade Média, todos os países do Ocidente cristão (França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Espa-

Sabemos que o casamento era visto como objeto de pouco atrativo, conforme referido em vários discursos daquela sociedade. Entre esses discursos, o eclesiástico se esmerava em enumerar as desvantagens da vida matrimonial, apresentando exemplos de aborrecimentos, como: a gravidez, que causava tantos incômodos, tais como inchaços e dores pelo corpo, as dificuldades em governar uma casa, crianças choronas, etc.

Além disso, segundo os Pais da Igreja, o casamento era um mal. Ainda que necessário, ele estava marcado pelo pecado da concupiscência. O matrimônio não acabava com a noção pecaminosa da relação conjugal, e isso causava, possivelmente, uma expectativa em relação aos castigos provenientes de tal condição.⁶ Também não se pode esquecer da polêmica anti-matrimonial do século XII que, inspirada em São Jerônimo, descrevia as dificuldades e aborrecimentos da vida conjugal.⁷

Sabemos que entre as classes populares havia uma visão bastante crítica sobre a vida matrimonial, segundo um ditado popular: “nenhum homem se casa sem se arrepender disso” (RICHARDS, 1993: 32). Nesse contexto sociocultural, o casamento era muito mais uma armadilha que significava o fim da liberdade e o começo das responsabilidades.

Além disso, soma-se a esse contexto anticasamento o tom ainda mais estridente das reformas dos séculos XI e XII, quando a ordem era o celibato. A reforma gregoriana, ao impor como regra geral ao clero a observância do celibato, acentuou a imagem das mulheres como sujeitos sedutores e tentadores ao mesmo tempo em que valorizavam a virgindade de Maria.

Os problemas do excesso populacional que caracteriza a Europa dessa época e as suas conseqüências podem ser importantes elementos a contribuir para o florescimento desse movimento vocacional. Nesse momento, inclusive as mulheres de origem não nobre tiveram maiores possibilidades de acesso à vida religiosa.

Dessa forma, mesmo que com reservas, a Igreja e os poderes seculares podem ter visto nessa sensibilidade espiritual uma estratégia de controle do crescimento populacional e assim toleraram a chegada das mulheres nesse meio pouco preparado para acolher o feminino. Diante desse quadro, é possível compreender a busca de uma existência pautada pela reclusão.

nha [...], conheceram um modo de vida religioso rigorosamente solitário e heróico: a reclusão voluntária.

⁶Sobre a noção do casamento como um mal necessário consultar entre outros: CASAGRANDE; VECCHIO, 2003, p. 229-337.

⁷Sobre o casamento, consultar as seguintes obras: SOT, Michel. A gênese do casamento cristão. In: **Amor e sexualidade no ocidente**. Traduzido por Anna Maria Capovila, Horácio Goulart e Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1992, Tradução Revue L' Histoire/Seuil, p. 163-175; RIBORDY, Geneviève. Les fiançailles dans le rituel matrimonial de la noblesse française à la fin du Moyen Age. Revue Historique, CCCVI-§, 620, 2001, p. 885-911; CHENON, Emile. Quelques rites nuptiaux. **Nouvelle Revue Historique de droit français et étranger**. 36^a Année, 1992, p. 573-604; DUBY, 1988; BELIOZ, 1994; DUBY; PERROT, 1993; Cf. RICHARDS, 1993; Cf. LABARGE, 1996; EBROOK, Christopher. **O Casamento na Idade Média**. [s/l]: Publicações Europa-América, [s/d]. THOMPSON, 1998, p. 305-397.

Seja como for, o que as fontes parecem nos indicar é que as mulheres, de um canto a outro da Europa medieval, e no transcorrer de uma longa duração histórica, tinham desde a infância, duas alternativas: ou o casamento com os homens ou o casamento com Deus.

O casamento com Deus, era um matrimônio místico que muitas vezes também era fruto da interferência familiar ou de estratégias de defesa, no caso ibérico, marcado pela luta contra o Islã.

A escolha pela vida religiosa implicava, na maior parte dos casos, em possuir um bom nascimento, isto é, ser nobre. Diferentemente, portanto, do que se pensava entre os séculos XVI ao XVIII, quando se acreditava serem as mulheres das classes populares aquelas que procuravam a vida religiosa por falta de meios econômicos para sobreviverem. Com exceção das beguinas, que se constituíam essencialmente em um movimento religioso de origem urbana e com inserção nos meios populares e abastados fora da nobreza, e que por isso poderia ter abrigado entre elas mulheres de outros extratos sociais, a maioria das mulheres que optaram pelo modo de vida religiosa na Idade Média era de origem abastada.⁸

Afonso X, na *Cantiga 122* conta a história da “fill dun rei, e pois foi moja e mui santa moller” (CSM, 122, II: 60), tratava-se de sua irmã, Dna. Berenguella, “que metieron virgen em el monesterio de las Huelgas de Burgos et consagraronla a Dios”.⁹

O protetor do monastério de Lãs Huelgas era o próprio rei de Castela. Outras abadias na Europa medieval também gozaram da proteção real. Quedlinburg, na Alemanha, e Fontevraud¹⁰, na França, tinham poderes quase episcopais e estavam protegidas por amplos privilégios reais. Las Huegas informa um relatório de 1210 ao Papa Inocêncio III, não só presidia concílios de abadessas e visitava os conventos vizinhos afiliados ao seu, como também benzia as monjas, lia o evangelho, predicava publicamente e, o que era muito pior, para a estrutura oficial da igreja, lá se ouvia a confissão.

Nesse contexto, ter uma vida dedicada à religião ou às práticas piedosas, não significava, necessariamente, abandonar suas relações com o mundo secular, tão pouco poderia resultar na observância de práticas de pobreza e vida desconfortável ou ausência de conflitos.¹¹

⁸Sobre as beguinas consultar entre outras obras as seguintes: LOYN, 1997; LABARGE, 1996, p.131-157. Sobre as origens socioeconômicas das mulheres medievais, que buscaram exercer suas religiosidades ligadas a algum movimento ou subordinadas a alguma ordem, ver: ANDRADES *apud* MUÑOZ GRANA, Ângela. **Religiosidad femenina**: expectativas y realidades (são. VIII-XVIII) Madrid: Gramar A. G/AI-Mudaynam 1991, p. 139-164.

⁹Sobre o caráter autobiográfico de algumas Cantigas consultar: SNOW *apud* KLEIN, 2005, p. 67-68).

¹⁰Em relação à Fontevraud consultar BERLIOZ, 1994 e BLOCH, 1995. Esse lugar teve abadessa geral, uma mulher, que tinha poderes sobre homens e mulheres e também sobre as demais casas ligadas à ordem. A escolha de uma mulher para comandar a ordem é pensada não no sentido de exaltação a mulher, mas justamente como meio de salvação do homem. A mulher existe para redimir o outro, ser dirigido por alguém inferior é uma prova de humildade que resultará na salvação daqueles que por ela são orientados.

¹¹Sobre a vida das mulheres em conventos ou congêneres, consultar: DUBY; PERROT, 1993; BERLIOZ, 1996;

Pelo contrário, muitas mulheres levaram para as suas novas vidas todo o aparato necessário para uma existência digna e confortável, típica da aristocracia.

Exemplo disso se pode observar em Las Huelgas, cujo quotidiano foi bastante marcado pelos modos de vida da nobreza. Para Labarge, tratava-se de um *convento enormemente aristocrático, pero no muy devoto*. (LABARGE, 1996: 50-142).

Nessa perspectiva, mesmo quando estavam em um espaço, aparentemente sob o controle delas mesmas, de uma maneira ou de outra, não escapavam do olhar vigilante e acusador daquela sociedade macho.

A análise das *Cantigas* de Afonso X e dos *Milagros* de Berceo, nos permite ver como essa idéia, das abadias femininas que se constituíam em fonte de preocupações para o pensamento dominante estavam, de algum modo, bem incorporada por aquele sistema simbólico. Tanto o texto afonsino quanto o berceano nos falam de uma abadessa que engravida e que, por conta desse pecado, é objeto da condenação de suas companheiras de reclusão e da autoridade do bispo.

Esse tema pode também ser observado em outras *Cantigas* de Afonso X, tais como 44, 55, 58, 59, 94, 285 todas tratando de monjas que abandonam sua vida conventual.

No texto berceano, sobretudo no Milagre de *La abadessa encita* (MNS, 21: 120-136), nos é relatado que ocorre certa aliança entre a monja pecadora e a Virgem, ao mesmo tempo em que suas companheiras articulam-se contra ela.¹² Como é possível observar em seu texto, há ainda que sutilmente, uma reprovação sobre a gravidez da abadessa. Essa condenação pode ser constada nas diferentes formas de se referir ao fato: *que peccó, fizo una locura que es mucho vedada, libra del mal porfazo una muger mezquina; que nunca más no torne en aquesta erranza*.

Quando narra a reação das companheiras da religiosa grávida, o poeta cria um clima, no mínimo tenso entre a abadessa e suas jovens monjas, tal como: *Querrien veerla muerta las locas malfadadas, Cuente a los prelados esto a la vegadas [...] Enbiaron al obispo por su carta deçir*. Não podemos esquecer que existe uma relação hierárquica entre a abadessa e as monjas que, nesse caso foi rompida.

Se, por um lado, o poeta sugere que as jovens religiosas tiveram o cuidado de zelar pela fama da abadia, e por isso denunciaram a abadessa ao bispo, por outro lado, mais adiante,

LABARGE, 1996; ROUSSELL, 1989; MUÑOZ FERNÁNDEZ, Ângela. **Mujer y experiencia religiosa en el marco de la santidad medieval**. Madrid: Asociación Cultural AL-MUDAYNA, 1988.

¹²Sobre o texto berceano e suas representações femininas, sobretudo para a questão da maternidade presente no milagre em discussão, ver: DIZ, M. Ana. Berceo y Alfonso: la historia de la abadessa encinta. **Cantigueiros Bulletin of the Cantigueiros de Santa Maria**. v 4, n.199, 1994, p. 85-99.

o poeta, na voz do bispo, acusa as monjas de traição que, como sabemos, é algo bastante grave para aquela sociedade, veja: “Dunna, - disso - fizieste unagrand traicion, **Pussieste la senhora em tal mala razon que es mui despereciada vuestra religio**”.¹³ Nesses versos, me parece que Berceo nos dá a conhecer exatamente o que pensam da religiosidade feminina os homens da igreja. A atitude impensada da abadessa e de suas jovens reclusas deprecia a religiosidade daquelas mulheres.

No caso da *Cantiga Afonsina* tanto as narrativas textuais quanto a figurada enfatizam o erro cometido pela religiosa. Entretanto, o que mais parece contar nessa *Cantiga* é o topos da mulher incapaz. A pronta intervenção do bispo que, sem maiores pudores, quer ver até que ponto a abadessa se encontra de fato comprometida em sua promessa de castidade (CSM, VII, I: 24-25). Isto parece sinalizar para a necessidade das mulheres serem dirigidas pelo bom senso masculino. Embora exista um movimento que faz a Igreja acolher essas novas manifestações religiosas, contudo a posição das mulheres dentro da Igreja é de subordinação e dependência.

O tema da abadessa pecadora, tanto nesse caso, no qual ocorre uma gravidez indesejada, quanto nas demais *Cantigas* de Afonso X, nas quais as protagonistas fogem com seus amantes, obteve uma difusão literária muito grande na Europa medieval. É o caso da *Cantiga 94*, que segundo Valverde, é uma das *Cantigas* mais comentadas em todo o continente europeu. Esse tema parece ser revelador de uma visão sobre as mulheres em relação a sua religiosidade e sua sexualidade na Europa daqueles tempos, justamente por se tratar de uma lenda que percorre um vasto território.

As mulheres continuavam marcadas pelos seus corpos, e são elementos que causam desordem, sobretudo no meio clerical, um lugar sem lugar para o feminino. As imagens das *Cantigas 59 e 94* apresentam de uma forma, bastante realista, essa condição de submissão ao controle masculino, que se realiza a partir da vigilância e da punição do corpo sinuoso das mulheres. Ambos os poemas tratam do tema da ausência de convicção religiosa feminina, cuja intervenção masculina é capaz de restituir.¹⁴

Diante disso, é interessante perguntar até que ponto temas como esses, que envolvem monjas que, de alguma forma se desviam da conduta esperada para aquele tipo de vida, ou que trazem para o meio monástico algum tipo de desordem, não seriam fruto de uma reação

¹³O grifo é meu.

¹⁴Sobre as formas de representação do feminino nas *Cantigas* de Afonso X, consultar: PÉREZ DE TUDELA Y VELASCO, María Isabel. El tratamiento de la mujer en las *Cantigas* de Santa María. **La condición de la mujer en la Edad Media**, Madrid: Universidad Complutense, 1986.

do universo masculino à recente chegada das mulheres num ambiente que, até então, era predominantemente deles, um domínio dos homens.

Se nas relações entre os sexos, cada uma das partes faz, a seu modo, uma interpretação do poder que permeia essas relações, então é possível se pensar que esse tipo de lenda tenha tido a acolhida que teve justamente por representar os receios daquele sistema simbólico hegemônico pelo clero, que como sabemos, é exclusivamente masculino.

Se de fato as mulheres realizaram um movimento que pressionou aquele ambiente social, dirigido por um clero, em sua maioria misógino, que imaginou e dirigiu a religiosidade feminina, então a chegada dessas criaturas pode ter sido vista exatamente dessa forma, isto é, como o resultado de uma crescente pressão que forçava essa acolhida nas instituições religiosas.

As mulheres que participavam dessa *onda* espiritual encontraram já montado um modelo de religiosidade próprio dos homens. Assim, elas ou acataram os modelos já existentes, adaptando-os a elas, ou forjaram novas formas de organização religiosa. E a cada lance dado por elas corresponderia uma reação por parte do clero que, então, se dedicou a organizar esse público cada vez mais numeroso.

É possível que a partir desse momento o antigo princípio cristão da igualdade de todos diante da redenção e diante da graça, tenha sido preterido, uma vez mais, pelo princípio da periculosidade das mulheres para os homens, abrindo espaço para a já conhecida contradição da ética cristã quando se trata do universo feminino. Para Adeline Rucquoi, nem o direito canônico, nem a teologia conseguiram resolver o conflito existente entre os textos evangélicos, que advogam pela igualdade entre homens e mulheres, e a tradição oriental que considera a fêmea inferior ao macho.

É oportuno pensar que aquilo que, à primeira vista, possa parecer uma atitude autoritária, pode ser, na verdade, uma estratégia de proteção contra qualquer tipo de ameaça e que assegurava uma existência mais tranqüila, tanto na terra como no céu.

Referências Bibliográficas

CHENON, E. Quelques rites nuptiaux. **Nouvelle Revue Historique de droit français et étranger**. 36^a Année, 1992, p. 573-604

DIZ, M. A. Berceo y Alfonso: la historia de la abadessa encinta. **Cantigueiros Bulletin of the Cantigueiros de Santa Maria**. v 4, n.199, 1994, p. 85-99.

L'HERMITE-LECLERCQUE, P. La réclusion volontaire au moyen age: une institution religieuse spécialement féminine. In: *La condición de la mujer en la Edad Media*, 5-7, 1984, Madrid, p. 135-154. **Actas del Coloquio celebrado en la Casa de Velázquez**. Madrid: Casa de Velazquez. Universidad Complutense, 1986

MUÑOZ FERNÁNDEZ, Â. **Mujer y experiencia religiosa en el marco de la santidad medieval**. Madrid: Asociación Cultural AL-MUDAYNA, 1988.

MUÑOZ GRAÑA, Â. **Religiosidad femenina: expectativas y realidades (são. VIII-XVIII)** Madrid: Gramar A. G/AI-Mudaynam 1991.

PÉREZ DE TUDELA Y VELASCO, M. I. El tratamiento de la mujer en las Cantigas de Santa María. **La condición de la mujer en la Edad Media**, Madrid: Universidad Complutense, 1986.

SOT, M. A gênese do casamento cristão. In: **Amor e sexualidade no ocidente**. Traduzido por Anna Maria Capovila, Horácio Goulart e Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1992